

A importância da atenção farmacêutica na polifarmácia em pacientes idosos

The importance of pharmaceutical care in polypharmacy in elderly patients

Recebido: 23/09/2022 | Aceito: 10/11/2022 | Publicado: 17/11/2022

Juvenal Sacramento Filho¹

 <https://orcid.org/0000-0003-0381-1610>

 <http://lattes.cnpq.br/8364807008271330>

Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro Oeste, UNIDESC, Brasil
E-mail: juvenalsacramento@gmail.com

Vilani Pereira de Castro²

 <https://orcid.org/0000-0003-2616-5383>

 <http://lattes.cnpq.br/6426370031649216>

Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro Oeste, UNIDESC, Brasil
E-mail: vilani.castro@sounidesc.com.br

Clezio Rodrigues de Carvalho Abreu³

 <https://orcid.org/0000-0002-1511-6917>

 <http://lattes.cnpq.br/0474084524560630>

Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro Oeste, UNIDESC, Brasil
E-mail: clezioabreu@senaaires.com.br

Resumo

Tema: os idosos e a realidade da polifarmácia, que pode gerar problemas relacionados ao uso de múltiplos medicamentos. **Problema:** de que maneira a assistência farmacêutica pode contribuir para o manejo e prática da polifarmácia em usuários idosos? **Hipótese:** a atuação farmacêutica tem sido imprescindível para incentivar o uso responsável e aceitável dos medicamentos dentre a população idosa. **Objetivos:** caracterizar a polifarmácia em usuários idosos e identificar a relevância da atuação do farmacêutico na atenção do uso dos medicamentos pelos idosos. **Justificativa:** devido a importância do acompanhamento farmacêutico na polifarmácia em pacientes idosos, a pesquisa em destaque tem sua relevância a partir da análise minuciosa da prescrição feita pelos profissionais abalizados. **Metodologia:** Trata-se de revisão bibliográfica realizada na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) nas bases de dados Lilacs, Bireme e Scielo, Google Scholar, sites especializados e revistas do tema em pauta compreendido entre os anos de 2014 até 2022. **Resultados.** Os riscos e malefícios da polifarmácia são debatidos há vários anos e têm implicações importantes para o envelhecimento da população.

Palavras-chave: Farmácia. Idoso. Polifarmácia.

¹ Graduação em andamento em Farmácia pelo Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro Oeste, UNIDESC, Brasil.

² Graduação em andamento em Farmácia pelo Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro Oeste, UNIDESC, Brasil.

³ Mestre em Farmacologia Toxicologia e Produtos Naturais no curso de Ciências da Saúde - UNB; Especialista em Farmacologia Clínica - UNB; Especialista em Gestão da Assistência Farmacêutica - UFSC; Especialista em Didática do Ensino Superior - FACESA; Possui graduação em Farmácia - FACESA (2009). Professor de Pós Graduação em Farmacologia Clínica; tem experiência na área de Farmacologia Clínica, Gestão da Assistência Farmacêutica e Acompanhamento Farmacoterapêutico

Abstract

Theme: the elderly and the reality of polypharmacy, which can generate problems related to the use of multiple medications. Problem: How can pharmaceutical care contribute to the management and practice of polypharmacy in elderly users? Hypothesis: Pharmaceutical action has been essential to encourage the responsible and acceptable use of medicines among the elderly population. Objectives: to characterize polypharmacy in elderly users and identify the relevance of the pharmacist's role in monitoring the use of medicines by the elderly. Justification: due to the importance of pharmaceutical follow-up in polymedication in elderly patients, the highlighted research has its relevance from the detailed analysis of the prescription made by qualified professionals. Methodology: This is a bibliographic review carried out in the Virtual Health Library (VHL) in the LILACS, BIREME and SCIELO databases, Google Scholar, specialized websites and journals on the subject in question between the years 2014 to 2022. Results. The risks and harms of polypharmacy have been debated for several years and have important implications for an aging population.

Keywords: Pharmacy. Elderly. Polypharmacy.

Introdução

Atualmente número de idosos tem aumentado significativamente e representa uma grande parcela da população. Houve um crescimento exponencial na expectativa de vida do ser humano. Entre os diversos motivos que contribuíram para este fato, está o desenvolvimento de novos e melhores medicamentos, assim como a ampliação do seu uso (BATISTA, 2020).

Com o aumento da expectativa média de vida dos idosos, tem se manifestado diversas patologias relacionadas com a idade e um maior predomínio de doenças cardiovasculares, diabetes mellitus, doenças respiratórias, hipertensão arterial, entre outras, consideradas doenças crônicas. Devido as complicações na saúde do idoso, o aumento do número de medicamentos usados pelo paciente é grande. Nesse contexto, nasceu o conceito de polifarmácia, definido como o uso de múltiplos medicamentos, que podem causar reações adversas (EA) e/ou interações medicamentosas que aumentam gradativamente de acordo em que outros medicamentos são administrados (FRANCISCO, 2018).

Devido ao processo de envelhecimento, o perfil de saúde mudou, os idosos apresentam comportamento diferente, pois a utilização dos serviços de saúde tem sido uma constante na vida da pessoa idosa no Brasil, e assim é muito comum as prescrições de muitos medicamentos. Logo, a supervisão da administração dessas prescrições e medicações requer do farmacêutico um cuidado profissional e muito especial, no tocante à preservação da saúde do idoso (SILVA, 2020).

A polimedicação ou polifarmácia, geram problemas relacionados ao uso de múltiplos medicamentos, o que dificulta a manutenção da farmacoterapia eficaz e segura por esses pacientes. A polifarmácia pode ser classificada em três graus: leve, moderada e grave. O grau leve é a utilização de dois a três medicamentos, grau moderada de quatro a cinco e o grau grave, mais de cinco medicamentos utilizados (LADEIRA, 2021).

A utilização de diversos fármacos, pode vir a ser necessário na velhice, e tem sido indispensável para a sobrevivência do paciente e tratamentos complexos. Percebe-se que muitos idosos associam a polifarmácia como um elemento-chave de apoio a qualidade de vida, todavia, quando o uso de múltiplos medicamentos é feito sem um

acompanhamento profissional, essa prática pode acarretar riscos que pode até levar a morte do paciente, principalmente devido as reações EA (ROMANO-LIEBER, 2019).

Os efeitos adversos relacionados ao uso concomitante de cinco ou mais medicamentos, constitui um desafio para os profissionais de saúde, especialmente o farmacêutico, pois ele tem qualificação profissional para alertar aos pacientes a melhor maneira de fazer a prática da polifarmácia e evitar maiores riscos com o uso concomitante de inúmeros fármacos (MUNIZ, 2017).

Devido a realidade da polifarmácia entre os idosos, alguns cuidados devem ser tomados pelos profissionais de saúde, como por exemplo ater-se ao conhecimento da terapia medicamentosa do paciente para evitar eventos adversos e interações medicamentosas, escolher o medicamento e a dose mais adequados para o paciente, promover o uso racional, evitar a automedicação e implementar estratégias para monitorar as dificuldades e necessidades da população idosa em relação ao uso de medicamentos (ANTUNES, 2015).

Diante dessa realidade a questão norteadora, ou seja, a problematização dessa pesquisa é a seguinte; de que maneira a atenção farmacêutica pode contribuir para o manejo e prática da polifarmácia em pacientes idosos?

Sendo assim, justifica-se a seguinte pesquisa, devido a importância do acompanhamento farmacêutico na polifarmácia em pacientes idosos, começa com a análise minuciosa das prescrições feitas pelos profissionais abalizados. Assim, a dispensação dos medicamentos prescritos, são medidas que representam umas das atividades mais importantes que qualificam os serviços de saúde no âmbito farmacêuticos.

A atuação farmacêutica tem sido imprescindível para incentivar o uso responsável e aceitável dos medicamentos dentre a população adulta, de forma que se otimize o emprego destes medicamentos. A função do farmacêutico está na capacidade de se remodelar constantemente, devendo estar sempre apto ao atendimento clínico.

A escolha do presente tema, demonstra que a polifarmácia entre a população idosa requer dos profissionais farmacêuticos cuidados preventivos, quanto ao uso inadequado e/ou exagerado de múltiplos medicamentos, pois, muitas vezes os efeitos adversos e as interações medicamentosas se constituem um desafio aos pacientes tanto para o tratamento correto das doenças, bem como para a qualidade de vida do idoso.

Neste contexto, o objetivo desse artigo é caracterizar a polifarmácia em usuários idosos e identificar a relevância da atuação do farmacêutico no acompanhamento do uso dos medicamentos pelos idosos. Buscou-se também analisar as razões da utilização de medicamentos diversos por parte da população idosa e descrever os riscos que a polifarmácia pode ter em casos de interação medicamentosa.

Trata-se de uma revisão bibliográfica caracterizada como estudos secundários e que tem sua fonte nos estudos primários. Nessa revisão a busca de artigos foi realizada na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) nas bases de dados LILACS, BIREME e SCIELO, Google Scholar, sites especializados e revistas do tema em pauta compreendido entre os anos de 2014 até 2022. Os descritores usados nas pesquisas estão de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), e são os seguintes: farmácia, idoso e polifarmácia.

Para a realização dessa revisão, optou-se pelos seguintes critérios de inclusão: artigos originais e/ou revisão, publicados no idioma português, disponibilizados gratuitamente, que abordassem a adesão dos pacientes ao tratamento de hipertensão

arterial.

Considerou-se, também aqueles artigos que mais se enquadravam na temática e que tiveram mais afinidade com o objetivo proposto neste estudo. Já os critérios de exclusão foram: artigos pagos, em outros idiomas e publicações anteriores a 2014. Foram excluídos também os artigos sem autoria declarada, e aqueles que não estavam relacionados ao tema proposto.

O Processo do Envelhecimento e a Saúde

O envelhecimento é um processo pelo qual todos passam, nesta fase podem ser observadas alterações fisiológicas, morfológicas e bioquímicas. Por esse motivo, essa mudança exige uma consideração cuidadosa por parte de todos os profissionais de saúde (DE OLIVEIRA et al., 2016).

De acordo com o Prospecto da População Mundial das Nações Unidas publicado em 2019, a população total do Brasil é estimada em cerca de 210 milhões. Destes, cerca de 30 milhões da população corresponde a mais de 60 ou 14% da população. Portanto, percebe-se que a longevidade humana mudou o perfil demográfico da população no Brasil e no mundo, de modo que o comportamento epidemiológico das doenças que acometem os idosos tem sido diferente (TRISTÃO, 2021).

O debate sobre o envelhecimento populacional segue duas vertentes principais: a primeira diz respeito aos avanços científicos e tecnológicos que aumentam a longevidade dentro de um processo natural do ciclo de vida; e um segundo que o situa no contexto sócio-histórico, político e econômico das sociedades analisadas e distorce a ideia de que o envelhecimento ocorre de forma linear e homogênea. A alfabetização em saúde ganha, assim, contornos fundamentais para ajudar e cuidar dos idosos (ESCORSIM, 2021).

É importante compreender que existem dicotomias nas relações humanas diante do envelhecimento e em relação à oferta de saúde e cuidado ao idoso. Apesar da longevidade de muitas pessoas, isso não se traduziu em qualidade de vida para os idosos ou garantia de acesso a serviços de saúde integrais (ROMERO, 2018).

À medida que a transição demográfica e epidemiológica avança, observa-se o crescimento da população idosa no Brasil, o número de idosos com 60 anos ou mais passou de 3 milhões em 1960 para 7 milhões em 1975 e 14 milhões em 2002. aumentar em quarenta anos e pode chegar a 32 milhões em 2020 (VERAS, 2018)

O processo de envelhecimento é composto por diversas alterações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas no idoso que indicam a perda progressiva de suas habilidades e adaptação ao meio ambiente, ocasionando a prevalência de diversas doenças e, conseqüentemente, o uso de múltiplos medicamentos (PINTO, 2016). O tratamento farmacológico é essencial em qualquer idade, principalmente dentre os idosos, que representam cerca de 50% dos consumidores de medicamentos no dia a dia (ARRUDA, 2015).

Percebe-se que com o aumento da expectativa de vida da população, a incidência de doenças crônicas não transmissíveis (DMC) também aumentou; doenças respiratórias crônicas, acidente vascular cerebral, ataque cardíaco, doenças circulatórias, hipertensão, diabetes e câncer. A prevalência dessas doenças leva ao consumo simultâneo de muitos medicamentos, dando origem ao conceito de polifarmácia (DE CASTRO, 2016).

As doenças que mais acometem os idosos requerem tratamento mais prolongado, o que significa que muitos idosos precisam usar mais de um medicamento ou polifarmácia, sendo comum o uso de pelo menos cinco medicamentos em uso

contínuo entre os idosos. Os estudos variam de 5 a 27% (PINTO, 2016).

Além de tomar inúmeros medicamentos, os idosos estão mais expostos às consequências, pois apresentam alterações fisiológicas que modificam a ação do medicamento e produzem diversos efeitos colaterais, interações medicamentosas e erros terapêuticos, aumentando o risco de hospitalização (BRASIL, 2014).

A polifarmácia é uma prática comum entre os idosos, com prevalência variando de 5% a 27% em estudos brasileiros. Entre os fatores relacionados a essa prática destacam-se: sexo feminino, idade \geq 80 anos, autoavaliação regular do estado de saúde, doenças crônicas e número de consultas médicas no último ano (FERREIRA, 2020).

Alguns autores consideram tomar dois a quatro medicamentos (polifarmácia menor) e cinco ou mais (polifarmácia maior) ao mesmo tempo que a polifarmácia. A polifarmácia é uma prática comum entre os idosos, mas poucos estudos examinaram sua associação com marcadores nutricionais (SILVEIRA, 2018; ARRUDA, 2015).

Existem vários medicamentos utilizados pelos idosos que são indicados a longo prazo e com informações diversas como nome, indicação, dose, horário, para que serve, quanto tempo tomar, enfim, há muita informação sobre o medicamento, e que por vezes, não são administrados corretamente e nem observadas as orientações contidas nas instruções da bula. (BRASIL, 2014)

O uso de múltiplos medicamentos podem ser necessário em muitas ocasiões, e idosos em uso de polifarmácia precisam ser monitorados quanto a interações medicamentosas, eventos adversos que levam a eventos iatrogênicos, longas internações hospitalares, gastos desnecessários e até óbitos (DIAS, 2019).

A Polifarmácia e Seus Riscos à Saúde

O alto nível de uso de drogas entre a população idosa é descrito como alarmante no Brasil e no mundo. A polifarmácia é definida como o uso simultâneo de cinco ou mais medicamentos, essa prática está diretamente relacionada ao custo do tratamento e inclui medicamentos e as consequências de seu uso. Isso inclui os custos de aconselhamento especializado, primeiros socorros e internação hospitalar (SILVA, 2014)

Algumas causas têm sido associadas à polifarmácia em idosos, como: Ser mulher, ter alfabetização em saúde insuficiente, estar em faixa etária mais avançada, ter baixa escolaridade e ter doenças crônicas. Esse fato se deve à facilidade de aquisição de medicamentos isentos de prescrições médicas nas farmácias, aumentando assim a exposição dos idosos e o consumo excessivo de medicamentos e gastos desnecessários (ALMEIDA, 2017).

Os principais impactos da polifarmácia são: a não adesão ao tratamento medicamentoso, efeitos colaterais, interações medicamentosas, altos custos com medicamentos e hospitalização (DE SÁ GODOI, 2021).

Os riscos e malefícios da polifarmácia são debatidos há vários anos e têm implicações importantes para o envelhecimento da população. O abuso de drogas é pavoroso e pode se tornar um dilema de saúde pública, pois está associado ao aumento de efeitos colaterais e interações medicamentosas e a uma maior taxa de internações hospitalares (CARNEIRO, 2018).

O conhecimento da polifarmácia deve ser ponderado com cuidado, pois muitas vezes é imprescindível, principalmente quando é indicada na terceira idade, pois tem boa relação custo-benefício. As consequências decorrentes desses eventos devem ser avaliadas criticamente em termos de riscos e benefícios e monitoradas constantemente para evitar danos, a exemplo das iatrogênicas (CARNEIRO, 2018).

Ao longo dos anos, a polifarmácia geriátrica aumentou. Mais de 40% das pessoas de 65 anos usam mais de cinco ou mais medicamentos por semana, 12% usam dez medicamentos diferentes. Os idosos usam medicamentos prescritos de forma desigual, com cerca de um terço dos idosos comprando em mais de uma farmácia e metade recebendo prescrições de mais de um médico (LOBO, 2015).

O uso indevido de medicamentos é um problema atual entre os idosos. Com a idade, os idosos experimentam alterações fisiológicas como: B. diminuição da massa muscular, do conteúdo de água corporal, do metabolismo hepático, dos mecanismos homeostáticos e da capacidade de filtração e excreção renal. Como resultado, é difícil excretar e metabolizar os medicamentos, levando ao acúmulo de substâncias tóxicas no organismo e vários efeitos colaterais. Cuidados devem ser tomados, pois o uso de medicamentos diferentes pode causar confusão no paciente e realizar um tratamento incorreto e perigoso (COSTA, 2015).

A polifarmácia em idosos está associada ao agravamento de síndromes geriátricas e eventos adversos a medicamentos. Dados os riscos e os encargos da polifarmácia e medicamentos potencialmente inapropriados, os farmacêuticos devem usar abordagens centradas no paciente e estratégias não farmacológicas como: prática de exercícios físicos, alimentações mais saudáveis, uso de medicina alternativa não medicamentosas como acupuntura, para tratar sintomas comuns e otimizar a função e a qualidade de vida do paciente (KIM, 2017).

A polifarmácia é uma técnica que corresponde diretamente à idade do paciente. A alta taxa em idosos correlaciona-se com o número de diagnósticos médicos que recebem. Portanto, quanto maior o número de complicações médicas identificadas, maior a lista de prescrições. Estudos mostram que pacientes que recebem três ou mais medicamentos apresentam melhor desempenho na escala de sintomas físicos e psicológicos e muitas vezes apresentam problemas de sono, tontura, congestão nasal, boca seca, náusea, constipação e edema (DA SILVA, 2022).

Além da polifarmácia nas prescrições, a prática da automedicação é comum entre pessoas com longa experiência de vida e sem o acompanhamento de profissionais de saúde para informá-los sobre os efeitos colaterais e malefícios causados pela ingestão. No Brasil, a taxa de automedicação entre idosos varia de 16,5% a 50%. Os medicamentos mais utilizados nessas situações são os indicados para febre, náusea, diarreia, constipação, indigestão, dor de cabeça, dores musculares ou articulares (SOUZA, 2018).

Esses aspectos tornam a população idosa, como grupo de pacientes, vulneráveis à os efeitos adversos aos medicamentos. Por exemplo, o aumento do número de medicamentos consumidos, conhecido como polifarmácia, aumenta o risco de problemas farmacoterapêuticos em idosos, principalmente aqueles relacionados a interações medicamentosas e efeitos colaterais (SOUZA, 2018).

A escolha da terapia no idoso é complicada e envolve várias particularidades, como por exemplo, a definição de qual medicamento é mais adequado a ser utilizado, além da prescrição da dosagem adequada com base nas condições fisiológicas do paciente, e assim, facilitar a monitorização da eficácia e a toxicidade quanto aos efeitos colaterais, para que, se necessário for entrar em contato com o médico. Além disso, a resposta farmacológica no idoso difere da de um jovem, necessitando de prescrições diferentes em ambos os grupos (MARQUES, 2018).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 50% dos medicamentos são prescritos ou dispensados de forma inadequada e 50% dos pacientes tomam medicamentos de forma incorreta, causando morbidade e mortalidade em todo o mundo. As práticas mais comuns de uso inconsistente de

drogas estão relacionadas à polifarmácia, abuso de antibióticos e drogas injetáveis, automedicação e prescrições (SALES, 2017).

Além da polifarmácia nas prescrições, a prática da automedicação é comum entre pessoas com longa experiência de vida e sem o acompanhamento de profissionais de saúde para informá-los sobre os efeitos colaterais e malefícios causados pela ingestão. No Brasil, a taxa de automedicação entre idosos varia de 16,5% a 50%. Os medicamentos mais utilizados nessas situações são os indicados para febre, náusea, diarreia, constipação, indigestão, dor de cabeça, dores musculares ou articulares (SOUZA, 2018).

Para aumentar as possibilidades de tratamento, os idosos devem ser orientados a guardar os medicamentos separadamente em caixas ou recipientes para que não se esqueçam de qual tomar, o que facilita a adesão ao tratamento prescrito e lembra a necessidade de tomar todos os medicamentos corretamente, o que é importante para uso (PINTO, 2019).

Em suma, vale ressaltar que a prática da polifarmácia, associada às condições fisiológicas e clínicas dos idosos, torna o uso de medicamentos uma preocupação constante para o setor de saúde. É importante compreender os padrões de uso de medicamentos nessa população para encontrar formas de usá-los de forma racional, melhorar a qualidade de vida e manter a funcionalidade (RIGHI, 2021).

Os farmacêuticos e seu papel diante dos cuidados da polifarmácia na população idosa

O uso de diversos medicamentos por idosos no Brasil está em ascensão. O acompanhamento farmacoterapêutico envolvendo uma equipe multidisciplinar com valores éticos e responsabilidades na promoção e restauração da saúde por meio da identificação, prevenção e resolução de problemas relacionados a medicamentos (PRM). O farmacêutico não intervém no diagnóstico ou prescrição de medicamentos, que são atribuições do médico, mas garante uma farmacoterapia racional, eficaz e segura (LADEIRA, 2021).

A assistência farmacêutica tem buscado seu lugar na sociedade e nos tempos modernos tornou-se de suma importância para o sucesso da farmacoterapia devido a sua capacidade de reduzir a morbimortalidade relacionada a medicamentos e, conseqüentemente, o cenário da saúde no contexto de ambas as mudanças públicas. privado. Esse tipo de serviço aborda a saúde geral e a qualidade de vida do paciente, buscando respostas e estratégias de uma equipe multidisciplinar. Vale ressaltar que a polifarmácia está associada a uma série de desfechos adversos, sendo considerada um desafio importante e crescente para práxis clínicas (PAYNE, 2016).

O objetivo da atenção farmacêutica é estabelecer uma comunicação direta e clara com o paciente sobre as políticas de medicamentos, evitando diversos problemas relacionados a medicamentos. Automaticamente, a Atenção Farmacêutica detecta um impacto positivo e direto na vida do paciente, principalmente no idoso (SANTANA et al., 2019).

Sabe-se que as interações medicamentosas ocorrem quando um medicamento interfere na ação do outro e o risco de interação medicamentosa é de 13% em pacientes idosos em uso de dois medicamentos e de 58% em pacientes em uso de cinco (NETO, 2017).

Logo, a falta de comunicação entre profissionais de saúde, pacientes e a falta de compreensão das informações traz conseqüências graves para a população idosa, como: a adesão insuficiente à terapia, podendo agravar o quadro clínico (PINTO, 2016).

A polifarmácia é mais comum em idosos devido ao grande número de doenças associadas ao envelhecimento. A maioria das interações medicamentosas e efeitos colaterais ocorrem nessa população, muitas vezes agravando o quadro clínico do paciente e, em alguns casos, levando o paciente a óbito. Daí a importância do cancelamento de medicamentos, que consiste em uma “avaliação sistemática dos potenciais riscos e benefícios de cada medicamento para um determinado paciente, levando em consideração sua condição clínica e prognóstico vital” (ROMERO et al. 2018).

A descontinuação é um processo de otimização do plano de tratamento de um paciente que consiste na descontinuação de medicamentos que podem ser inadequados ou desnecessários para o tratamento, a fim de gerenciar a polifarmácia, proporcionar maior segurança ao paciente e otimizar os resultados. É um processo sistemático e contínuo de identificação e descontinuação de medicamentos em situações em que o dano real ou potencial supera o benefício real ou potencial, levando em consideração uma série de objetivos terapêuticos individuais (AKIINBOLADE et al., 2016).

O conhecimento dos medicamentos, das prescrições e de como prestar cuidados seguros aos idosos é um problema para os profissionais de saúde, pois muitas vezes os profissionais de saúde e os idosos não sabem que medicamentos estão a tomar, que efeito têm, como administrá-los, quando administrá-los e como descartar caixas, prescrições e não pedir para informar o serviço de saúde (LOPES, 2022).

A não adesão ao tratamento se deve à baixa escolaridade, morar sozinho, diminuição da acuidade visual, esquecimento e falta de compreensão. Estudos destacam que o padrão de uso de medicamentos dos idosos está dentro da média nacional. A prevalência da polifarmácia e as características a ela associadas são semelhantes em várias regiões do Brasil, necessitando da atuação assertiva dos profissionais farmacêuticos (ARRUDA, 2015).

Para minimizar esses fatores, é necessário implementar medidas de saúde pública que estimulem uma dupla revisão do regime terapêutico, programas voltados ao uso de medicamentos de forma segura e eficaz (SOARES, 2019).

Considerações finais

Tendo como objetivo caracterizar a polifarmácia em usuários idosos e identificar a relevância da atuação do farmacêutico no acompanhamento do uso dos medicamentos pelos idosos, os principais achados foram os seguintes: que o Brasil está com uma grande população de idosos, e esse envelhecendo da população tem ocasionado o surgimento de inúmeras doenças aos idosos, típicas da faixa etária e hábitos de vida, e assim requerer por parte dos profissionais em saúde oferecer um tratamento mais prolongado.

Assim, foi constatado que polifarmácia tem uma ampla variação no Brasil, sendo utilizada por muitos idosos, sendo algo que eleva a atenção farmacêutica dessa população senil. Por isso, os cuidados farmacêuticos são fundamentais para a utilização da polifarmácia de maneira coerente e sem riscos maiores à saúde. Sabe-se que é possível avaliar as prescrições e os medicamentos que estão sendo utilizados de forma inapropriada pelos idosos e ajustar todo procedimento.

Foi identificado na pesquisa que a prescrição de medicamentos no paciente idoso deve ser determinada com profissionalismo e rigor científico, levando em consideração as condições clínicas, físicas e psíquicas que muitas vezes se depara o idoso.

Assim, cabe ao farmacêutico estar atento aos casos de problemas devido as interações medicamentosas em todos os níveis. Nos casos de polifarmácia entre os pacientes idosos, o monitoramento, a precaução e a cautela na dispensação dos medicamentos devem ser refeitos de forma a dar segurança para o paciente idoso.

Conclui-se que o farmacêutico pode minimizar a não adesão dos idosos ao acompanhamento medicamento, especialmente atuando na atenção farmacêutica aos idosos, explicitando as melhores informações quanto ao uso de medicamento de forma racional e sistemática, além de monitorar os riscos da polimendicação e seus efeitos adversos, auxiliando-o o paciente idoso sempre que necessário.

Referências

ALMEIDA, Natália Araujo de; REINERS, Annelita Almeida Oliveira; AZEVEDO, Rosemeiry Capriata de Souza; SILVA, Ageo Mário Cândido da; CARDOSO, Joana Darc Chaves; SOUZA, Luciane Cegati de. Prevalence of and factors associated with polypharmacy among elderly persons resident in the community. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 20, n. 1, p. 138–148, fev. 2017. DOI 10.1590/1981-22562017020.160086.

ANTUNES, Juliane de Fátima Santos et al. Interação medicamentosa em idosos internados no serviço de emergência de um hospital universitário. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 19, n. 4, p. 907-918, 2015.

ARRUDA, Daiane Campos Juvêncio de; ETO, Fabiola Naomi; VELTEN, Ana Paula Costa; MORELATO, Renato Lírio; OLIVEIRA, Elizabete Regina Araújo de. Fatores associados a não adesão medicamentosa entre idosos de um ambulatório filantrópico do Espírito Santo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 18, p. 327–337, abr. 2015. DOI 10.1590/1809-9823.2015.14074

BALDONI, André de Oliveira et al. Pharmacoepidemiological profile and polypharmacy indicators in elderly outpatients. **Braz. J. Pharm. Sci.** 2013, vol.49, n.3 pp.443-452.

BATISTA, Sabrina de Cássia Macêdo et al. Polimedicação, atenção farmacêutica e cuidado farmacêutico. **Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 16, n. 4, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, tecnologia e insumos estratégicos. **Departamento de Assistência farmacêutica e insumos estratégicos. Capacitação para implantação dos serviços de clínica farmacêutica**. Brasília. Ministério da saúde.2014.

CARNEIRO, Jair Almeida; RAMOS, Gizele Carmem Fagundes; BARBOSA, Ana Teresa Fernandes; MEDEIROS, Sarah Magalhães; LIMA, Cássio de Almeida; COSTA, Fernanda Marques da; CALDEIRA, Antônio Prates. Prevalência e fatores associados à polifarmácia em idosos comunitários: estudo epidemiológico de base populacional. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 51, n. 4, p. 254–264, 27 dez. 2018. DOI 10.11606/issn.2176-7262.v51i4p254-264.

CARVALHO, Maristela Ferreira Catão; ROMANO-LIEBER, Nicolina Silvana; BERGSTEN-MENDES, Gun; SECOLI, Sílvia Regina; RIBEIRO, Eliane; LEBRÃO, Maria Lúcia; DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira. Polifarmácia entre idosos do Município de São Paulo - Estudo SABE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 15, p. 817–827, dez. 2012. DOI 10.1590/S1415-790X2012000400013

COSTA, Soraya Coelho; PEDROSO, E. R. P. A prescrição de medicamentos para idosos internados em serviço de clínica médica: atualização. **Rev Med Minas Gerais**, v. 21, n. 2, p. 201-14, 2011.

DA SILVA, Ana Flávia. Polifarmácia, automedicação e uso de medicamentos potencialmente inapropriados: causa de intoxicações em idosos. **Rev. méd. Minas Gerais**, p. 32101-32101, 2022.

DE CASTRO SANTANA, R. M; PINA, J. Atenção farmacêutica ao DE OLIVEIRA, R. E. M., DO NASCIMENTO, M. M. G., & PEREIRA, M. L. Uso de medicamentos por idosos de uma unidade de atenção primária à saúde. **Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde**, vol 7, n.3, 2016.

DE SÁ GODOI, Danillo Rodrigues et al. Polifarmácia e ocorrência de interações medicamentosas em idosos. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 3, p. 30946-30959, 2021.

DIAS, Flávia Camila. Análise de custos dos medicamentos apropriados e inapropriados das prescrições médicas de idosos internados em hospital escola. 2019.

ESCORSIM, Silvana Maria. O envelhecimento no Brasil: aspectos sociais, políticos e demográficos em análise. **Serviço Social & Sociedade**, n. 142, p. 427–446, dez. 2021. DOI 10.1590/0101-6628.258.

FERREIRA, Laiane Soler et al. Automedicação: prática comum por idosos de um município do norte do Paraná. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 4, p. 22404-22413, 2020.

FRANCISCO, Priscila Maria Stolses Bergamo et al. Prevalência simultânea de hipertensão e diabetes em idosos brasileiros: desigualdades individuais e contextuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 3829-3840, 2018.

GALVÃO TF, Pereira MG. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, 23, 183-184. 2014.

GONÇALVES, João Carlos; COSTA, Dalila da; FERNANDES, Raiane da Rocha; COSTA, Dayane Aparecida da. Análise bibliométrica de pesquisas voltadas aos efeitos da tecnologia educacional na ansiedade e estresse dos professores durante a pandemia da covid-19. **Cadernos do FNDE**, v. 3, n. 5, p. 01–14, 24 jun. 2022. DOI 10.5281/zenodo.6727771.

KIM, Jennifer; PARISH, Abby Luck. Polypharmacy and Medication Management in Older Adults. **Nursing Clinics of North America**, v. 52, n. 3, p. 457–468, set. 2017. DOI 10.1016/j.cnur.2017.04.007.

LADEIRA, Gizzelle Delfino Araújo et al. Polifarmácia no idoso e a importância da atenção farmacêutica. **ÚNICA Cadernos Acadêmicos**, v. 3, n. 1, 2021.

LOBO, Lígia Batista et al. Polifarmácia entre os idosos de Dourados, Mato Grosso do Sul: um estudo de base populacional. 2015.

LOPES, Júlio César Vasconcelos; DOS SANTOS, Lindayane Ferreira; TORMIN, Consuelo Vaz. Os riscos da polifarmácia na saúde do idoso: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, 2022.

MARQUES, Gabrielle Ferreira Melo; REZENDE, Danielle Mayara Rodrigues Palhão de; SILVA, Iara Pereira da; SOUZA, Priscila Carolina de; BARBOSA, Suzi Rosa Miziara; PENHA, Ramon Moraes; POLISEL, Camila Guimarães. Polifarmácia e medicamentos potencialmente inapropriados para idosos na enfermagem gerontológica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 2440–2446, out. 2018. DOI 10.1590/0034-7167-2017-0211.

MUNIZ, Elaine Cristina Salzedas et al. Análise do uso de medicamentos por usuários de plano de saúde suplementar. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 20, p. 374-386, 2017.

NETO, Luciane Maria Ribeiro; DA COSTA JUNIOR, Valter Luiz; CROZARA, Marisa Aparecida. Interações medicamentosas potenciais em pacientes ambulatoriais. **O Mundo da Saúde**, v. 41, n. 1, p. 107-115, 2017.

PAYNE RA. The epidemiology of polypharmacy. *Clin Med (Lond)*. 2016 Oct;16(5):465-469. doi: 10.7861/clinmedicine.16-5-465. PMID: 27697812; PMCID: PMC6297306.

PEREIRA, Karine Gonçalves; PERES, Marco Aurélio; IOP, Débora; BOING, Alexandra Crispim; BOING, Antonio Fernando; AZIZ, Marina; D'ORSI, Eleonora. Polifarmácia em idosos: um estudo de base populacional. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 20, n. 2, p. 335–344, jun. 2017. DOI 10.1590/1980-5497201700020013

PINTO, Isabela Vaz Leite; REIS, Adriano Max Moreira; ALMEIDA-BRASIL, Celline Cardoso; SILVEIRA, Micheline Rosa da; LIMA, Marina Guimarães; CECCATO, Maria das Graças Braga. Avaliação da compreensão da farmacoterapia entre idosos atendidos na Atenção Primária à Saúde de Belo Horizonte, MG, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 3469–3481, nov. 2016. DOI 10.1590/1413-812320152111.19812015.

PINTO, Anabela Mota; VERÍSSIMO, Manuel; MALVA, João (Ed.). **Manual do Cuidador**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2019.

RIGHI, Mathiele et al. Cuidado farmacoterapêutico a idosos atendidos em um serviço de emergência adulto de um hospital universitário do sul do Brasil. 2021.

ROMANO-LIEBER, Nicolina Silvana et al. Sobrevida de idosos e exposição à polifarmácia no município de São Paulo: Estudo SABE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2019.

ROMERO SS, SCORTEGAGNA HDM, DORING M. Nível de letramento funcional em saúde e comportamento em saúde de idosos. **Texto & Contexto-Enfermagem**, 27. 2019.

ROMERO, Inês; BRAGA, Beatriz; RODRIGUES, Joana; RODRIGUES, Rui; NETO, Isabel G. Desprescrever nos doentes em fim de vida: Um guia para melhorar a prática Clínica. **Medicina Interna, Lisboa**, v. 25, n. 1, p. 4857, 2018

SALES, Alessandra Santos; SALES, Marta Gabriele Santos; CASOTTI, Cezar Augusto; SALES, Alessandra Santos; SALES, Marta Gabriele Santos; CASOTTI, Cezar Augusto. Perfil farmacoterapêutico e fatores associados à polifarmácia entre idosos de Aiquara, Bahia, em 2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, n. 1, p. 121–132, jan. 2017. DOI 10.5123/s1679-49742017000100013

SILVA AM, PESSOTI DT, ANDRADE JA. **Atenção farmacêutica ao idoso no uso da polifarmácia**, 2014. Faculdade de Pindamonhangaba, 2014. Disponível em:<http://www.bibliotecadigital.funvicpinda.org.br:8080/jspui/bitstream/123456789/271/1/SilvaTavaresAndrade.pdf>.

SILVA, Tayene Aires; DE SOUZA MOREIRA, Karina Alves; DE ALMEIDA, Meives Aparecida Rodrigues. Relação entre o envelhecimento, a polimedicação e o enfermeiro: Uma Revisão Bibliográfica. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 3, n. 2, p. 438-56, 2020.

SILVEIRA PA, SILVA SC, ROCHA KSC. Prevalência da polifarmácia nos idosos de uma unidade básica de saúde no estado de Minas Gerais. 2018. **Rev. Aten. Saúde, São Caetano do Sul**, v. 16, n. 58, p. 29-35, out./dez., 2018.

SOARES, Vivian Elaine Afllen et al. Aplicações de instrumentos para avaliação da segurança do paciente ambulatorial quanto ao uso de medicamentos. 2019.

SOUZA, Dayana Matos de; SOUZA, Lysandra Barbosa de; LANA, Giovanni Guimarães; SOUZA, Shiara Martins de; AGUILAR, Naidilene Chaves; SILVA, Daniel Rodrigues. USO INAPROPRIADO DE MEDICAMENTOS PELO IDOSO: POLIFARMÁCIA E SEUS EFEITOS. **Pensar Acadêmico**, v. 16, n. 2, p. 166–178, 6 dez. 2018. DOI 10.21576/pa.2018v16i2.361.

TRISTÃO, Flavio Ignes. População idosa e letramento em saúde: reflexões acerca do acesso e da não utilização dos serviços de saúde. **JIM - Jornal de Investigação Médica**, v. 2, n. 2, p. 053–066, 11 ago. 2021. DOI 10.29073/jim.v2i2.428

VERAS, Renato Peixoto; OLIVEIRA, Martha. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 1929–1936, jun. 2018. DOI 10.1590/1413-81232018236.04722018.